

As Narrativas de Mudanças no Contexto da Economia Compartilhada

Autoria

Aline De Geroni Roncato Lazzari - aline.r.lazzari@gmail.com

Prog de Mestr em Admin e Negócios/Faculdade de Admin, Contab e Economia - PPGAd/FACE/PUCRS - Pontifícia
Universidade Católica do Rio Grande do Sul

MAIRA PETRINI - MAIRA.PETRINI@PUCRS.BR

Prog de Mestr em Admin e Negócios/Faculdade de Admin, Contab e Economia - PPGAd/FACE/PUCRS - Pontifícia
Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Resumo

Este estudo teve por objetivo analisar as narrativas de mudanças no contexto da economia compartilhada, investigando, o potencial da economia compartilhada em gerar impacto social. A literatura referente ao tema identifica uma controvérsia por parte dos pesquisadores quanto a origens e enquadramento da economia compartilhada. Por um lado, esta nova economia é vinculada a inovação social e ambiental, por outro, a aspectos financeiros e econômicos. Considerando a visão de alguns autores que apresentam as iniciativas da economia compartilhada como um agente de mudança social, e entendendo que as narrativas são utilizadas na construção do social, buscamos compreender o papel destas narrativas nos processos de transformação social. Os dados foram coletados através de quatro técnicas: análise documental; netnografia; observação participante e entrevistas com atores chave, e foram analisados a luz do framework teórico proposto por Wittmayer et al (2015) para compreensão das narrativas de mudança. Concluímos que a economia compartilhada apresenta diferentes narrativas conforme o posicionamento quanto aos fins lucrativos da iniciativa e, conforme a voz e a audiência para os quais as narrativas se dirigem, identificamos ainda algumas mudanças sociais associadas. Este estudo contribui para a melhor compreensão do contexto da economia compartilhada e seu vínculo com impacto social.



As Narrativas de Mudanças no Contexto da Economia Compartilhada

RESUMO

Este estudo teve por objetivo analisar as narrativas de mudanças no contexto da economia compartilhada, investigando, o potencial da economia compartilhada em gerar impacto social. A literatura referente ao tema identifica uma controvérsia por parte dos pesquisadores quanto a origens e enquadramento da economia compartilhada. Por um lado, esta nova economia é vinculada a inovação social e ambiental, por outro, a aspectos financeiros e econômicos. Considerando a visão de alguns autores que apresentam as iniciativas da economia compartilhada como um agente de mudança social, e entendendo que as narrativas são utilizadas na construção do social, buscamos compreender o papel destas narrativas nos processos de transformação social. Os dados foram coletados através de quatro técnicas: análise documental; netnografia; observação participante e entrevistas com atores chave, e foram analisados a luz do framework teórico proposto por Wittmayer et al (2015) para compreensão das narrativas de mudança. Concluímos que a economia compartilhada apresenta diferentes narrativas conforme o posicionamento quanto aos fins lucrativos da iniciativa e, conforme a voz e a audiência para os quais as narrativas se dirigem, identificamos ainda algumas mudanças sociais associadas. Este estudo contribui para a melhor compreensão do contexto da economia compartilhada e seu vínculo com impacto social.

Palavras-chave: economia compartilhada; narrativas de mudanças; mudança social.

1. INTRODUÇÃO

A partir da entrada de novos *players* no mercado, como Uber, Airbnb e Zipcar, a economia compartilhada é um fenômeno emergente e que precisa ser debatido. Assim, mais estudos são realizados com a intenção de compreender esta que é tida como uma nova economia. Um estudo da consultoria PwC (2015) estima que os ganhos com a economia compartilhada passam de US\$ 15 bilhões em 2015 para US\$ 335 bilhões em 2025, além disso diversos autores citam a necessidade de mais estudos para auxiliar na compreensão deste fenômeno. Belk (2014) afirma que o fenômeno da economia compartilhada possui projeção de crescimento nos próximos dez anos e, portanto, possui impacto em algumas organizações tradicionais já consolidadas. Em linhas gerais, a economia compartilhada pode ser entendida como o compartilhamento de recursos subutilizados entre grupos, pessoas ou organizações. Este compartilhamento, caracteriza-se por ocorrer entre pessoas estranhas e no formato *peer-to-peer*, o qual é facilitado pelo intermédio de uma plataforma digital. Assim, a economia compartilhada é responsável pelo desenvolvimento e crescimento de novos modelos de negócios bem como a adaptação de modelos de negócios já existentes. Negócios como Uber por exemplo, em 2014, acumulou mais de US\$ 1,5 bilhão em investimentos e atua em mais de 70 cidades em 45 países (CUSUMANO, 2014). Murillo, Buckland e Val (2017) afirmam que a necessidade de estudar o movimento da economia compartilhada é evidente e urgente. Os autores citam que ainda é uma “área cinzenta” e recente que deve ser investigada para que possamos compreender os seus potenciais benefícios, impactos na sociedade, economia e meio ambiente. Belk (2014, p. 1599) afirma ainda que “seria loucura ignorar o compartilhamento e o consumo colaborativo como formas alternativas de consumo e como novos paradigmas empresariais”.

A partir da revisão da literatura referente ao tema, verifica-se que não há um consenso por parte dos autores quanto às origens e enquadramentos da economia compartilhada. Verifica-

se que existe uma controvérsia desta nova economia, ora vinculada a aspectos sociais e ambientais, ora a aspectos financeiros e econômicos, gerando duas grandes perspectivas. Por um lado, alguns autores a compreendem como um movimento social, enquadrando este fenômeno dentro de um contexto de desenvolvimento sustentável vinculado a inovação social, uma vez que esta economia pode proporcionar a melhor utilização dos recursos globais e gerar benefícios sociais (AVELINO et al., 2015; FRENKEN, 2017; MONT; NEUVONEN; LÄHTEENOJA, 2014). Por outro lado, outros autores argumentam que por traz deste fenômeno existe predominantemente uma perspectiva econômica e financeira, considerando, entre outros fatores, a sua ascensão a partir de 2008 mediante a crise econômica (HABIBI; DAVIDSON; LAROCHE, 2017; MILANOVA; MAAS, 2017). Indo além, identificamos, que uma perspectiva, muitas vezes, apresenta a outra como um efeito colateral. Ou seja, mesmo que o principal motivador seja econômico, existem consequências sociais e ambientais, da mesma forma, mesmo que o principal motivador seja social e ambiental, existe uma consequência financeira e econômica. Diante disto, buscamos compreender a economia compartilhada analisando as narrativas que a acompanham e seu potencial como um caminho para um desenvolvimento social e sustentável.

Partimos da premissa que a vida social é dominada por narrativas, que oferecem entendimentos referentes a construção do social (CZARNIAWSKA, 2004). As narrativas são uma forma de refletir a realidade e gerar significado, sendo uma parte importante para a compreensão de mudanças sociais. Nosso interesse em compreender o papel destas narrativas na economia compartilhada à luz de sua potencialidade nos processos de transformação social, levou-nos aos conceitos de narrativas de mudanças. Narrativas de mudança são utilizadas para identificar em qual contexto ocorre a mudança, quem são os atores envolvidos e como as mudanças ocorrem (WITTMAYER et al, 2015). O conceito de narrativas de mudanças tem suas origens na inovação social e proporciona o melhor entendimento das ideias e conceitos inseridos nas narrativas, nos permitindo, desta forma, investigar e compreender se o movimento da economia compartilhada leva a mudanças. Assim, para atender a problemática contextualizada, e para que possamos verificar o quanto a economia compartilhada se aproxima de iniciativas que buscam inovação social este estudo teve por objetivo **analisar as narrativas de mudanças no contexto da economia compartilhada**.

Este artigo está organizado da seguinte forma. Primeiramente apresentamos uma revisão de literatura aprofundando os aspectos teóricos da economia compartilhada e sua relação com o social e ambiental bem como com fatores econômicos e financeiros. Na sequência, serão abordados os conceitos de narrativas, narrativas de mudanças e será apresentado um *framework* teórico a ser utilizado na análise. A seguir é apresentado o método utilizado para responder à questão de pesquisa. E por fim, os resultados, discussão e conclusões deste estudo.

2. ECONOMIA COMPARTILHADA

Zipcar, Uber e Airbnb tem sido apenas um dos mais famosos exemplos ao referenciar a economia compartilhada. Diante do seu *boom* a partir da crise econômica de 2008, a economia compartilhada é um fenômeno emergente considerando os modelos de negócios. O conceito de economia compartilhada traduz uma forma recente de negócios em que as pessoas e organizações trabalham de forma colaborativa, gerando interações, bem como a compra e venda de produtos ou serviços. O ato de compartilhar é antigo, porém sempre foi comum entre pessoas próximas, amigos e familiares. Neste sentido o compartilhamento existe há décadas (BELK, 2014), entretanto os aprimoramentos recentes devido a melhores tecnologias de informação e comunicação tornaram possível a escala. Portanto, o que diferencia o compartilhamento tradicional, ocorrido entre amigos e familiares, da economia compartilhada é a troca ocorrer entre pessoas estranhas (FRENKEN; SCHOR, 2017). A economia compartilhada possui como

principais características a falta de propriedade; o acesso temporário; a redistribuição de bens materiais ou ativos menos tangíveis como dinheiro, espaço ou tempo; e a utilização de tecnologias e meios de comunicação flexíveis visando facilitar o compartilhamento (KATHAN; MATZLER; VEIDER, 2016). Também pode ser entendida como parte de um movimento em prol do "consumo colaborativo" baseado no uso de plataformas (BOTSMAN; ROGERS, 2011), sendo que o consumo colaborativo, conforme elucidado por Petrini, Freitas e Silveira (2017) é considerado um recorte da economia compartilhada, referindo-se especificamente ao consumo. Além disso, do ponto de vista de mercado, este fenômeno do compartilhamento é composto por iniciativas com e sem fins lucrativos, esta última, caracteriza-se pela busca em atender às necessidades da comunidade e não puramente o crescimento ou maximização de receitas (BELK, 2014; SCHOR, 2014). O fenômeno economia compartilhada, não possui uma definição comum na literatura, portanto é bastante discutido pelos autores e ainda está em formação (PALGAN; ZVOLSKA; MONT, 2017). Neste sentido, esta nova economia possui diferentes perspectivas apresentadas pelos autores quanto a sua origem, estrutura e motivações. A partir de uma abrangente revisão de literatura, verificamos que existe uma controvérsia desta nova economia. Enquanto alguns autores vinculam a economia compartilhada à uma perspectiva econômica, considerando que os benefícios financeiros são predominantes, outros autores a vinculam à uma perspectiva social e ambiental.

Por um lado, a economia compartilhada é apresentada como um caminho para um mundo mais social e sustentável. De acordo com Mont, Neuvonen e Lähteenoja (2014) o consumo colaborativo aparece como uma prática de inovação social, considerando que o uso global dos recursos e os impactos ambientais associados continuam a crescer e a inovação social visa atender necessidade sociais de forma mais efetiva do que as soluções já existentes. Avelino et al. (2015) justifica que os problemas de sustentabilidade em setores como energia, água e alimentos levou a um novo interesse nas formas como a sociedade pode combinar o desenvolvimento econômico e social com a redução de impactos sobre o meio ambiente. A economia compartilhada surge como uma alternativa à economia tradicional, buscando combater a insustentabilidade, as injustiças e as desigualdades de mercado (MARTIN; UPHAM; BUDD, 2015). De acordo com Avelino et al. (2017) e Schor (2014) esta nova economia pode ser compreendida como um movimento social, considerando as práticas de compartilhamento e cooperação que a caracterizam. Na mesma linha, Muñoz e Cohen (2017) apresentam a economia compartilhada como um novo fenômeno social, considerando uma abordagem disruptiva dos modelos de negócios sendo que a economia compartilhada traz a promessa de ser uma forma econômica mais sustentável, pois proporciona acesso de recursos subutilizados pela sociedade a um custo reduzido. De acordo com Frenken (2017) a economia compartilhada pode ser considerada, pelo menos potencialmente, como contribuindo para uma transição de sustentabilidade. Assim, defensores da economia compartilhada argumentam ainda que o processo de compartilhamento de recursos cria capital social permitindo uma distribuição equitativa de bens e serviços (MARTIN; UPHAM; BUDD, 2015). Binner, Ourahmoune e Robert (2015) dizem que a economia compartilhada é um caminho alternativo a economia tradicional e entendem o consumo colaborativo como um caminho para a igualdade social mais do que um modelo ecológico e altruísta. Além disso, as autoras argumentam que ao modificar as relações entre indivíduos e bens de consumo através do consumo colaborativo, é possível estabelecer comportamentos sustentáveis mais coletivos e provavelmente mais duradouros, ou seja, consideram que se o coletivo gerar um movimento para o consumo colaborativo, este movimento modifica os interesses individuais em relação a aquisição de bens. Assim, mesmo que as pessoas em um primeiro momento optem pelo compartilhamento como principal motivador financeiro, a consequência é sustentável, pois de forma indireta ocorrerá uma redução do consumo. Da mesma forma, Daunorienè, et al (2015) argumentam que a economia compartilhada fornece uma lente ideal para explorar e contribuir para a natureza do

desenvolvimento sustentável. Em resumo, nessa perspectiva, diversos autores apresentam ideias semelhantes, considerando que este contexto de compartilhamento é um caminho com o potencial de aumentar o bem-estar social e, promover o desenvolvimento sustentável conectando pessoas e permitindo a colaboração entre elas.

A segunda perspectiva identificada na revisão de literatura, associa a economia compartilhada a uma visão econômica e financeira. Frenken (2017) mesmo assumindo um potencial da economia compartilhada, questiona se os ganhos sociais e ambientais não são superestimados. Nesse sentido Böcker e Meelen (2017) ressaltam que a motivação econômica é dominante na adoção desta nova economia, pois a redução de custos seria o principal motivo do interesse das pessoas na economia compartilhada, o que seria justificado pelo seu *boom* em 2008 devido à crise econômica. Assim, os motivos econômicos seriam mais relevantes que os altruístas (HABIBI; DAVIDSON; LAROCHE, 2017; MILANOVA; MAAS, 2017). Um estudo realizado por Palgan, Zvolska e Mont (2017) conclui que empresas de compartilhamento de hospedagem tratam os aspectos sustentáveis apenas como um motivador para atração de público, sendo que na verdade, para o usuário, o principal motivador consiste em aspectos econômicos e não sustentáveis. Apesar do argumento ambiental para a economia compartilhada Matzler, Veider e Kathan (2014) dizem que a intenção do consumo colaborativo é obter valor de bens subutilizados ou inexplorados pelos seus proprietários, indicando, que a principal motivação do consumidor é auto-orientada, ou seja, os consumidores preferem os custos mais baixos que são oferecidos pelas empresas da economia compartilhada. Morozov (2013) apresenta uma visão bastante crítica em relação a economia compartilhada denominando esta nova economia de “neoliberalismo de esteroides”, com o argumento que a economia compartilhada amplifica os piores excessos do modelo econômico dominante. Os autores acima citados apresentam uma abordagem de que a economia compartilhada é um modelo econômico que proporciona ganhos financeiros tanto para as plataformas que realizam a intermediação quanto para os usuários e fornecedores.

Embora a maior parte dos autores apresentem-se dentro de uma das perspectivas mencionadas, percebe-se que alguns autores demonstram que mesmo que uma das perspectivas seja o principal motivador, a outra se apresenta como decorrência. Como por exemplo Milanova e Mass (2017) que argumentam que apesar do principal motivo para o compartilhamento ser econômico, o benefício social e ambiental é consequência, pois ocorre a promoção de valores sociais. Ainda, McLaren e Agyenan (2014) ao comentar o trabalho realizado por Schor (2014) argumentam que os governos têm a possibilidade de investir em políticas públicas em prol da economia compartilhada. Os autores acreditam que qualquer país pode desenvolver e promover esta economia e não apenas aqueles que possuem culturas coletivas, pois o compartilhamento poderia ou deveria ser algo mais fundamental do ponto de vista do desenvolvimento social.

Em resumo, a partir do conceito fundamental da economia compartilhada, que consiste no compartilhamento de bens e serviços inexplorados e subutilizados pelos seus proprietários, ainda há na literatura divergências e incertezas. É consenso entre os autores que a partir do desenvolvimento e ascensão da tecnologia, as plataformas digitais e redes sociais atuaram como impulsionadores deste processo e com a função principal de conectar pessoas e organizações. Entretanto ainda não há consenso se a economia compartilhada consiste em um caminho para o desenvolvimento social e ambiental mediante o melhor uso dos recursos ou se estes benefícios são superestimados, tendo a economia compartilhada objetivos puramente econômicos vinculados à redução de custos e maiores ganhos monetários. Assim, mediante a controvérsia presente na literatura, buscamos compreender a economia compartilhada analisando as narrativas que a acompanham e seu potencial como um caminho para um desenvolvimento social e sustentável.

3. NARRATIVAS E NARRATIVAS DE MUDANÇA

A narrativa pode ser entendida como uma prática social e é uma forma de construir a realidade. O mundo social é construído a partir da discussão, da escrita e de contestações executadas. Através da análise de narrativas é possível contemplar diversos atores sociais em diversos contextos e é útil para entender o que acontece na vida social (BASTOS; BIAR, 2015). Davis (2002), afirma que a partir da compreensão da vida social e dos aspectos do mundo, a análise narrativa é importante para a compreensão do papel da identidade coletiva e movimentos sociais. Neste mesmo contexto, Fina e Georgakopoulou (2008) afirmam que as narrativas fazem parte das práticas sociais, assim, podemos entender que o estudo narrativo é um caminho para compreender as formas em que uma história é construída, para quem e por que, bem como os discursos culturais sobre os quais se baseia e o que ele realiza (TRAHAR, 2009). Czarniawska (2000) resume dizendo que para compreensão da vida social é preciso ver a narrativa como uma forma de conhecimento, uma forma de vida social e uma forma de comunicação. Enfim, as narrativas refletem e ao mesmo tempo criam a realidade.

Para responder atender o objetivo desta pesquisa, buscamos entender o papel das narrativas especificamente nas realidades de mudança e transformação. De acordo com Hermwille (2016) o conhecimento e a compreensão das narrativas são fundamentais para a compreensão das políticas de sustentabilidade. Franceschini e Pansera (2015) demonstraram em seu estudo dentro do contexto de sustentabilidade ambiental como diferentes narrativas podem levar à transformação do setor, alterando a ação dos principais *players* na indústria e seus modelos de negócios. Neste sentido, dentro do contexto de narrativas e transformação social, Wittmayer et al (2015) apresentam a definição de “narrativas de mudanças” como uma parte integrante da inovação social. Elas são uma forma discursiva particular que posiciona os atores em um contexto e ordena eventos ou atividades na sequência temporal em direção a um objetivo ou futuro. Através das narrativas de mudança é possível obter informações “por que o mundo tem que mudar, quem tem o poder de fazer isso e como isso pode ser feito” (WITTMAYER et al., 2015) (pg 8). O estudo das narrativas de mudanças indica como a mudança pode ser trazida e contribui com uma melhor compreensão da mudança transformadora. Obter informações sobre como essas aspirações da mudança transformadora são criadas e compartilhadas contribuem para a compreensão de como a mudança social é conduzida. Mudança social pode ser definido como o “processo no qual novas práticas sociais emergem, tornam-se socialmente aceitas e difundidas na sociedade por processos de imitação, adaptação e aprendizagem social” (HOWALDT; SCHWARZ, 2016) (pg 58). Ou seja, a partir da aceitação da sociedade, mudança sociais passam a ser adotadas e tornam-se uma prática social. Howaldt e Schwarz (2016) afirmam ainda que é a partir da prática social que as inovações são incorporadas pela sociedade e que, portanto, é um elemento central quando falamos em mudança transformadora. Por isso, faz sentido utilizarmos as narrativas de mudanças para analisar o contexto da economia compartilhada bem como identificar que tipos de mudanças sociais emergem deste contexto. A análise narrativa de acordo com Czarniawska (2000) busca as conexões frequentes (ou usuais) nos elementos de uma narrativa, ou seja, esta análise procura padrões e regularidades. Em outras palavras, a partir da análise narrativa podemos identificar as narrativas principais, ou as macro-narrativas existentes e assim melhor compreender o contexto da economia compartilhada. Wittmayer et al (2015) propuseram um método de análise com o objetivo de capturar ideias sobre mudança transformadora em narrativas. Este método surgiu a partir do projeto de pesquisa intitulado TRANSIT – TRANSformative Social Innovation Theory, que estuda os caminhos que as iniciativas de inovação social interagem com outras formas de mudança transformadora. O foco desta análise é identificar as macro-narrativas nas redes estudadas. O *framework* (quadro 1) foi proposto por Wittmayer et al (2015) e foi utilizado como apoio referencial de análise para atender o objetivo deste estudo.

Quadro 1 - Framework teórico para análise das narrativas de mudanças

CONTEÚDO DAS NARRATIVAS	
Contexto <i>Por quê?</i> <i>(Quando?)</i> <i>(Onde?)</i>	Como foi construído o contexto na narrativa de mudança em estudo? - Quais os problemas passados e atuais e desafios sociais estão enquadrados nas narrativas de mudanças? - Qual o futuro desejado ou objetivo descrito?
Atores <i>Quem?</i>	Como os atores são construídos nas narrativas de mudanças em estudo? - Quem são os atores individuais, organizacionais e setoriais que dirigem e / ou dificultam a mudança?
Enredo <i>Como?</i>	Como o processo de mudança social ocorre na narrativa de mudanças em estudo? - Que eventos, experiências ou atividades levam ao futuro desejado e em que sequência? - Que atividades da iniciativa e outros atores estão dirigindo e / ou dificultando a mudança?
PAPEL DAS NARRATIVAS	
Como é percebido o papel das narrativas em geral e especificamente nos processos de mudança social? - Qual o papel que os atores da inovação social atribuem à narrativa que compartilham e as narrativas dos outros?	
PRODUÇÃO DE NARRATIVAS	
Como foram/são as narrativas de mudanças em estudo? - Que tipo de ideias, conceitos, metáforas são incluídos ou aludidos na narrativa? (O conceito de "inovação social" é explicitamente usado?) Quais auxílios visuais são usados para apoiar ideias, conceitos ou metáforas usados? Quão centrais são as práticas narrativas para as atividades de inovação social?	

Fonte: Wittmayer et al (2015); Tradução da autora.

4. MÉTODO

Para atender o objetivo proposto, foi realizada uma pesquisa exploratória, cujos dados coletados foram de natureza qualitativa. Foi aplicada uma abordagem construtivista, que parte do princípio que o conhecimento é uma construção social fruto de interação entre sujeitos portanto, busca a compreensão das práticas sociais (SCHWANDT, 2000). Segundo Wittmayer et al. (2015) ao aplicar este tipo de abordagem em análise narrativa, nos permite compreender como ocorrem a produção do social e os processos de mudança da sociedade. Além, de proporcionar a análise direta do conteúdo narrativo.

O material empírico foi coletado através de dados primários e secundários. As técnicas foram selecionadas, com o objetivo de contemplar a análise narrativa de acadêmicos e *practitioners*, bem como as narrativas de usuários de plataformas de economia compartilhada, e as narrativas da própria plataforma. A etapa de coleta iniciou através dos dados secundários seguida dos dados primários, esta sequência teve por objetivo proporcionar que a pesquisadora fosse a campo com maior conhecimento do tópico em estudo. Os dados secundários foram coletados através de análise documental e netnografia. A análise documental ocorreu com o objetivo de contemplar as narrativas de *practitioners* e acadêmicos que pesquisem a temática de economia compartilhada e foi realizada através de relatórios publicados por empresas de consultoria, institutos de pesquisa, seminários, etc. Foram analisados 14 relatórios emitidos entre 2015 e 2018. A netnografia foi realizada com o objetivo de contemplar as narrativas das plataformas e usuários de iniciativas vinculadas à economia compartilhada. As organizações foram selecionadas com base em critérios definidos: 1) Iniciativa no formato *peer-to-peer*; 2) Contemplar iniciativas com e sem fins lucrativos; 3) Acesso aos dados. Foram considerados os sites e redes sociais de organizações que apresentem discursos vinculados a economia compartilhada. Neste sentido, foram selecionadas 5 iniciativas: Airbnb, Ouishare, Banco de tempo de Porto Alegre, Blablacar e Dinneer.

Os dados primários foram coletados com o objetivo de enriquecer a pesquisa e garantir a interpretação realizada pela pesquisadora. Foi realizada observação participante em evento

vinculado à economia compartilhada chamado ColaborAmerica, ocorrido em novembro de 2018 no Rio de Janeiro-RJ e entrevistas com gestores e usuários de iniciativas da economia compartilhada. A escolha dos entrevistados buscou contemplar iniciativas com e sem fins lucrativos, nas quais os mesmos são atores protagonistas da economia compartilhada, atuando como gestores da plataforma ou usuário, de alguma forma se beneficiando da economia compartilhada. Foram realizadas 8 entrevistas: Plataforma AtraiA (gestor e usuário); Banco de Tempo de Porto Alegre-RS (fundador e usuário); Garupa (fundador); Aibnb (anfitriã e usuária); Blablacar (usuário) e Dinner (fundador). As entrevistas foram transcritas integralmente para proporcionar a análise. É importante ressaltar que as diferentes fontes de dados aplicadas proporcionaram a pesquisadora a oportunidade de analisar diferentes atores e contextos.

A partir da coleta, foi executada a análise com base no *framework* teórico de análise das narrativas de mudanças estabelecido por Wittmayer et al. (2015). Assim, em um primeiro momento executou-se uma etapa descritiva de identificação dos documentos analisados (título/iniciativa, narrador, ano e local/site) e na sequência foram identificadas as evidências a partir de interpretações seguindo as questões propostas pelo *framework* de análise. Essa análise, ocorreu em três etapas principais. A etapa 1 identificou o conteúdo das narrativas de mudanças, contemplando o contexto, a identificação e o papel dos atores e o enredo. Na etapa 2 identificou-se o papel das narrativas, que podem ser: desencadeiam a imaginação; expressões de contracultura e recursos para o empoderamento. E com base na identificação do contexto e papel das narrativas, foi possível identificar as macro-narrativas dentro da etapa de produção das narrativas, etapa 3 de análise. Além disso, como apoio à interpretação das macro-narrativas foi utilizado como evidências imagens conforme base teórica utilizada neste estudo. Esta rotina analítica foi executada para análise documental, netnografia, anotações de campo provenientes da observação participante e transcrição das entrevistas. A seguir apresentamos os resultados desta análise.

5. RESULTADOS

Seguindo o *framework* de análise, em um primeiro momento apresentamos o conteúdo das narrativas de mudanças descrevendo o contexto, os atores e o enredo. Na sequência, apresentamos o papel destas narrativas e as macro-narrativas produzidas. Por fim apresentamos uma discussão referente as macro-narrativas identificadas.

5.1 CONTEÚDO DAS NARRATIVAS DE MUDANÇAS: CONTEXTO, ATORES E ENREDO

A partir do levantamento de dados e utilizando o *framework* como direcionador de análise, identificamos que o contexto apresentando nos relatórios, difere do identificado a partir da netnografia, entrevistas e observação participante. Enquanto os relatórios surgem a partir de uma necessidade de compreensão de uma realidade de mercado emergente da economia compartilhada; a netnografia, entrevistas e observação participante já representam uma realidade dada. Ao analisar o contexto das narrativas a partir da netnografia, entrevistas e observação participante, em que os narradores são as iniciativas, seus gestores e participantes, identificamos que as iniciativas com fins lucrativos surgem a partir de uma oportunidade de negócios identificada diante de uma necessidade de mercado. Já as iniciativas sem fins lucrativos, surgem com a intenção de ser uma alternativa à economia tradicional. Algumas iniciativas sem fins lucrativos já existiam anteriormente a 2008, e foram impulsionadas a partir do crescimento da economia compartilhada com o advento da tecnologia. Perante a análise dos relatórios, em que ocorre a análise do fenômeno como um todo identificamos um contexto de que a economia compartilhada nada mais do que uma resposta à crise econômica de 2008, e

que ao mesmo tempo que se traduziu em uma ameaça às empresas da indústria tradicional, foi uma oportunidade destas empresas se repaginarem e aproveitarem esta “oportunidade” no mercado.

Referente aos atores, identificamos que os *prosumers* são os protagonistas e principais beneficiários da mudança. Prosumers é um termo que incorpora as palavras *provedor* (fornecedor) e *consumidor* (do inglês *consumer*), definindo a aproximação entre consumidores e fornecedores para transação (PALOS-SANCHEZ; CORREIA, 2018). Identificamos ainda, como ator protagonista desta mudança, o ator não humano “plataforma” que proporciona a intermediação entre os pares juntamente com as empresas da economia compartilhada, que gerem a plataforma. Estes atores, são beneficiários, e conseqüentemente apoiadores do crescimento desta economia. As empresas da economia tradicional são atores que buscam a compreensão do novo contexto, no sentido de estabelecer ações de como atuar diante do crescimento da economia compartilhada, seja concorrendo ou se repaginando. Em sua maioria, os relatórios são narrados por empresas e instituições ligadas a setores (por exemplo: câmara do comércio, instituto de segurança), órgãos governamentais, empresas de consultoria, institutos de pesquisa e especialistas que da mesma forma são atores do processo de mudança ao buscar compreender a economia compartilhada, mesmo não sendo os protagonistas deste processo, ou seja, atuando como expectadores da mudança. O governo, é identificado com dois grandes papéis: por um lado, do ponto de vista dos narradores dos relatórios, é entendido em um papel de tentativa de compreensão da economia compartilhada para traçar caminhos de regulamentação deste contexto. Por outro lado, quando os narradores são os beneficiários diretos desta mudança (gestores das plataformas e *prosumers*), o governo é visto como um ator burocrata do processo de mudança, dificultando o seu crescimento. Além disso, a economia compartilhada conta com atores que são apenas apoiadores entusiastas desta mudança, sendo empreendedores, líderes e entidades, que buscam a discussão em prol do desenvolvimento e melhor aproveitamento da economia compartilhada. Como exemplo de apoiadores, podemos citar a organização de fomento Ouishare e o evento e participantes do ColaborAmerica, ocorrido no Rio de Janeiro-RJ.

A economia compartilhada apresenta um enredo da necessidade de construção de um ambiente menos burocrático para o seu desenvolvimento, porém ainda se discute as formas de regulamentação, uma vez que a economia compartilhada apresenta como desafios as relações de emprego e legalidade das atividades. Novamente, as iniciativas se diferenciam quanto a busca pela lucratividade, ou seja, as iniciativas com fins lucrativos apresentam um enredo de influência da sociedade para de alguma forma pressionar o governo a não burocratizar o avanço da economia compartilhada, utilizando estratégias de marketing vinculadas a economia tradicional. Já as iniciativas sem fins lucrativos, estabelecem ações de estímulo a uma mudança de mentalidade da sociedade para estabelecer uma cultura mais altruísta e como foco no propósito das relações humanas.

5.2 PAPEL DAS NARRATIVAS

As narrativas de mudanças estudadas são utilizadas como um recurso de empoderamento individual para o coletivo, e vice-versa. Ou seja, a partir da identificação dos benefícios individuais o coletivo passa a ter força. E ao coletivo compreender os benefícios, a economia compartilhada passa a ser uma necessidade da sociedade. Este papel fica evidente, através da aceitação da sociedade referente a economia compartilhada e no próprio crescimento desta nova economia. Ao analisar o fenômeno evidencia-se que as narrativas buscam o empoderamento através da força do coletivo e colaboração independente das características de cada iniciativa, que serão discutidos mais adiante. As narrativas, desencadeiam a imaginação, ao promover de forma clara os benefícios da economia compartilhada. Diferentes benefícios

foram identificados, que ficaram evidentes de acordo com o tipo de iniciativa e que são discutidos nas macro-narrativas identificadas. Os benefícios variam de oportunidade de renda, oportunidade de emprego a benefícios sociais e ambientais. Portanto, ao promover a economia compartilhada, as narrativas desencadeiam a imaginação por descrever um futuro possível. À economia compartilhada é atribuída também, o estímulo a população a se tornar microempreendedora além de facilitar a criação de novos mercados e atividades que não existiam anteriormente. É interessante que a narrativa do usuário representa uma incerteza com o futuro, ou seja, que a mudança é inevitável, está apenas começando e o futuro é imprevisível.

O papel das narrativas como expressões de contra-cultura não foi identificado. Não verificamos a percepção da economia compartilhada como um movimento que luta claramente contra narrativas culturais e institucionais estabelecidas e estruturas de poder existentes. É possível compreender apenas que existe uma busca por ação regulamentares que não burocratizem o avanço da economia compartilhada. E que existe uma busca por modelos econômicos como alternativa a economia tradicional. Porém, em nenhum dos casos se trata de uma luta contra narrativas institucionais, apenas um posicionamento analítico frente a uma realidade dada.

5.3 PRODUÇÃO DAS NARRATIVAS

A partir da análise, foram identificadas as macro-narrativas: “oportunidade econômica”, “necessidade de regulamentação específica”, “experiência”, “colaboratividade e conveniência”, “sustentabilidade”, “senso de comunidade”, “equidade” e “transformação”. Macro-narrativas foram construídas a partir da identificação de narrativas que se apresentam com mais frequência nos dados analisados. A oportunidade econômica é evidenciada a partir do entendimento da economia compartilhada como um caminho para a geração de emprego e renda. É interessante perceber que esta “renda”, pode ser considerada como um ganho extra para o indivíduo que atua como fornecedor, ou ainda, uma alternativa de ganho principal, dependendo da necessidade financeira do indivíduo. Assim, a oportunidade econômica se destaca como macro-narrativa do contexto da economia compartilhada. Essa narrativa aparece tanto nos relatórios quando nas demais fontes de dados, em que os narradores são os beneficiários diretos, porém, apenas quando vinculada às iniciativas com fins lucrativos. Os relatórios, apesar de analisarem o fenômeno economia compartilhada, consideram principalmente os setores de mobilidade e hospitalidade como objeto de análise. Sendo, respectivamente, Uber e Airbnb seus principais e precursores exemplos. Ao tratar a economia compartilhada como uma oportunidade de renda, a “necessidade de regulamentação específica” aparece como macro-narrativa. Essa necessidade de regulamentação é apontada pelos relatórios, uma vez que consideram o governo como um ator que está buscando a compreensão deste fenômeno, e que por possuir características específicas, se aplicada a mesma regra regulamentar da economia tradicional, pode impedir o crescimento da economia compartilhada. Apesar de ser uma macro-narrativa principal da economia compartilhada, diante das iniciativas com fins lucrativos, a oportunidade econômica não se apresenta sozinha. Ou seja, está sempre acompanhada de outra macro-narrativa que reforça os benefícios da economia compartilhada. Assim, através da netnografia e entrevista a “experiência” aparece como uma segunda macro-narrativa que frequentemente acompanha a “oportunidade econômica”. A experiência é entendida como o benefício de gerar relacionamento, conhecer pessoas novas ou acessar experiências culturais ou gastronômicas diferentes para o usuário.

A partir da análise netnográfica e entrevistas de iniciativas sem fins lucrativos, a macro-narrativa “senso de comunidade” e “equidade” foram identificadas. Estas macro-narrativas estão relacionadas ao propósito das iniciativas, que é vinculado a ações que geram benefícios sociais para a sociedade e com foco na equidade das relações. A comunidade é entendida como

uma força para fazer a diferença social. Neste sentido, a “transformação” é identificada como macro-narrativa. Uma vez que existe um esforço em transformar a visão da sociedade para aspectos mais sociais e menos econômicos. A “colaboratividade e conveniência” é uma macro-narrativa que é evidenciada considerando que a internet viabilizou a economia compartilhada. Ou seja, só a partir do seu advento aliado a novas tecnologias como smartphones é que a economia compartilhada se tornou realidade. Assim, fica evidente nas macro-narrativas que uma das mudanças provenientes desta economia é referente a forma de consumo, que deixa de ser baseado na propriedade e passa a ser de acesso provocando modificações nos padrões de deslocamento e mobilidade, por exemplo. Devido a conectividade proporcionada pela internet, o senso de comunidade ganhou destaque, considerando a ampliação da relação entre os pares, gerando assim, a colaboratividade. Mesmo as iniciativas sem fins lucrativos, com concepção anterior ao *boom* da economia compartilhada em 2008, tiveram crescimento em função da tecnologia. Uma vez que a conveniência gerada pelas plataformas tecnológicas, facilitou a comunicação entre os pares e consequentemente a abrangências das ações. Por fim, a “sustentabilidade” foi identificada como macro-narrativa. Esta macro-narrativa é entendida como o melhor uso dos recursos disponíveis, como água e energia até na a utilização de dados gerados pela economia compartilhada para um melhor planejamento urbano tornando o contexto mais sustentável. A sustentabilidade é citada, tanto para iniciativas com fins lucrativos quanto para sem fins lucrativos como uma consequência da economia compartilhada.

6. DISCUSSÃO

Apresentamos a discussão em três grandes achados: 6.1 A voz e a audiência; 6.2 As Nuances das Macro-Narrativas: Iniciativas com e sem fins lucrativos e 6.3 O Papel das Macro-Narrativas e as Mudanças Sociais.

6.1 A VOZ E A AUDIÊNCIA

É possível evidenciar que a crise econômica de 2008, foi o principal fator de desencadeamento para um contexto de mudança em prol da economia compartilhada. Corroborando com Avelino et al (2017b) que dizem que as mudanças ocorrem a partir de grandes fatos ou acontecimento. A economia compartilhada despertou grande interesse diante da valorização de empresas vinculadas a esta nova economia, assim, órgãos setoriais ligados a indústria tradicional, órgãos de governo, institutos de pesquisa e empresas de consultoria emitiram relatórios com estudos e análises em uma tentativa de compreender e avaliar os impactos para sociedade e para economia tradicional. Estas narrativas foram elaboradas e voltadas para uma audiência específica, que busca a compreensão do fenômeno economia compartilhada. Ou seja, audiência composta por empresas da indústria tradicional, para pensar em ações de competição ou repaginação de seus negócios, e o governo, para que a partir da compreensão pudesse avaliar e atuar em ações reguladoras. Os relatórios apresentam uma perspectiva puramente econômica, sob uma ótica mercadológica, apresentada como uma oportunidade de movimentar a economia através da geração de emprego e renda, e declarada como uma alternativa à indústria tradicional. Se por um lado um incentivo ao empreendedorismo é destacado nesta nova economia, por outro lado as organizações que atuam no *mainstream* da economia são chamadas a responder a essa “ameaça” corroborando com Petrini, Freitas e Silveira (2017), que apresentaram a definição de negócios repaginados como as empresas da economia tradicional que buscaram se reinventar a partir da economia compartilhada. A crise econômica se traduziu em um caminho para geração ou repaginação de negócios, para quem a compreendeu como uma oportunidade e não uma ameaça. Esta perspectiva econômica é refletida diretamente em duas das macro-narrativas identificadas

(oportunidade de renda e necessidade de regulamentação específica) representando a voz dos seus narradores para a sua audiência. Além de narradores, estes atores se enquadram como expectadores, não possuindo papel ativo no desenvolvimento ou obstrução da economia compartilhada, apenas “assistindo” e buscando compreender o seu crescimento.

A partir do entendimento da economia compartilhada como uma fonte de geração de receita, a regulamentação passa a ser fator de discussão. Ao mesmo tempo que um ambiente menos burocratizado é incentivado, desafios como as relações de emprego e legalidade das atividades são levantados. Se a regulamentação for aplicada de forma específica para a economia compartilhada, e não herdada da economia tradicional, pode ser benéfica, proporcionando o crescimento da economia, e os impostos arrecadados retornarem à sociedade por meio de políticas públicas, e até mesmo, o governo fazer uso das informações geradas pela economia compartilhada no planejamento de ações em prol da sociedade.

Quando o narrador passa a ser os atores diretamente envolvidos na economia compartilhada (apoiadores, beneficiários e protagonistas), a audiência são eles mesmos, as narrativas se apresentam de forma diferente. Neste caso, na voz deles, o governo é caracterizado apenas como um ator burocrata do processo de mudança, impedindo o seu crescimento, principalmente no segmento de mobilidade urbana, um dos segmentos pioneiros da economia compartilhada. Nesse sentido, as iniciativas da economia compartilhada, buscam demonstrar de forma abrangente os seus benefícios para os *prosumers*. Uzunca, Rigtering e Ozcan (2018), dizem que as iniciativas tendem a utilizar a divulgação ampla de benefícios também como estratégia de influenciar a sociedade no apoio à legitimação da economia compartilhada junto ao governo. O papel das narrativas de empoderamento (individual e coletivo) se destaca neste caso, retomando Polletta (1998), que diz que ao contar histórias estabelecemos quem somos, e, portanto, as narrativas são empregadas para fortalecer a identidade coletiva. Portanto, o fato da necessidade de regulamentação não aparecer quando os narradores são as iniciativas, deve-se justamente por seus narradores entenderem que a regulamentação não é necessária, e que na prática o governo burocratiza o crescimento da economia compartilhada. Já nos relatórios, os narradores consideram que a regulamentação deve existir, porém de forma inteligente, não sendo a mesma aplicada a indústria tradicional.

6.2 AS NUANCES DAS MACRO-NARRATIVAS: INICIATIVAS COM E SEM FINS LUCRATIVOS

Podemos afirmar que as macro-narrativas de mudança apresentam duas grandes nuances da economia compartilhada, sendo uma nuance forte vinculada às iniciativas com fins lucrativos, e uma mais fraca vinculada às iniciativas sem fins lucrativos. Ou seja, a nuance forte da economia compartilhada, apresenta-se muito mais voltada à perspectiva econômica e financeira do que à perspectiva social. As iniciativas com fins lucrativos parecem atrair mais fortemente os atores à participação, se tornando mais populares e fazendo com que suas narrativas se destaquem no contexto da economia compartilhada. Estas nuances são representadas na figura 1, em que as macro-narrativas foram consolidadas conforme se apresentaram.

Figura 1 - Nuances da economia compartilhada



Ao aprofundar as macro-narrativas das iniciativas - que possuem como audiência os interessados em participar da economia compartilhada – identificamos que para as iniciativas com e sem fins lucrativos, as narrativas se apresentam diferente. No caso das plataformas com fins lucrativos, a macro-narrativa oportunidade de renda é a mais presente. Essa oportunidade de renda pode se comportar de maneira diferente diante do contexto. Sendo entendida como uma oportunidade de renda extra ou renda principal, dependendo da necessidade do indivíduo. Entretanto, a oportunidade econômica não aparece sozinha, frequentemente está acompanhada de outras narrativas que demonstram outros benefícios ao usuário. Assim, a experiência foi identificada como uma segunda macro-narrativa nas plataformas com fins lucrativos, utilizada na comunicação dos benefícios “intangíveis” da economia compartilhada. A experiência parece ser a justificativa para os usuários da economia compartilhada aderirem mesmo quando as vantagens financeiras não se apresentam de forma significativa.

Já as iniciativas sem fins lucrativos, abordam o compartilhamento a partir da sua essência, e apresentam um contexto voltado a busca por uma alternativa à economia tradicional, com um enredo de estímulo a mudança de mentalidade da sociedade para objetivos mais sociais, retomando o papel das narrativas de empoderamento individual e coletivo. A macro-narrativa de senso de comunidade e equidade foram identificadas, e corroboram com Kornberger et al (2018), que afirma que o sentimento de companheirismo é que cria laços entre as pessoas e consequentemente constitui a sociedade. Assim, para estas iniciativas, a economia compartilhada promove a união das pessoas e uma maior equidade na sociedade. Estas iniciativas sem fins lucrativos, conforme definido por Petrini, Freitas e Silveira (2017), promovem o compartilhamento por ideal e, portanto, possuem um potencial maior para mudança social. Assim, a transformação é uma macro-narrativa constante nestas iniciativas. E o senso de comunidade gerado através das pessoas, é um caminho para que esta transformação ocorra. A oportunidade de renda não fica evidente quando vinculada as iniciativas sem fins lucrativos, a renda é tratada como consequência, e talvez necessária para o andamento e manutenção das iniciativas. Assim, para as iniciativas sem fins lucrativos, o mais importante é o propósito na transformação em prol do social e não a busca do lucro.

As iniciativas sem fins lucrativos, assumiram características mais próximas da perspectiva social e ambiental, em que claramente buscam uma posição mais voltada as relações sociais e a transformação do mundo através da colaboração. A economia compartilhada, é um meio para que esta transformação ocorra, uma vez que a comunicação entre os pares, e acesso a produtos e serviços é facilitado. Já as iniciativas com fins lucrativos, apresentam-se mais próximas da perspectiva econômica, em que a busca é prioritariamente pela lucratividade, tratando a economia compartilhada apenas como mais uma forma de fazer negócios, e gerar renda a quem participa. A macro-narrativa colaboratividade e conveniência apresentou-se presente nas narrativas de análise do fenômeno como um todo, firmando-se como característica

da nova economia e posicionando-se na intersecção das duas nuances. Sendo a conveniência, entendida como a facilitação do acesso aos pares proporcionado pela tecnologia. O colaborativo, é promovido através da acessibilidade e a consequente interação das pessoas. Reischauer e Mair (2018) afirmam que a partir da tecnologia empregada na economia compartilhada, as organizações ao operar as plataformas hospedam comunidades on-line, facilitando a interação entre as pessoas. Por serem inerentes a economia compartilhada, não aparecem explicitamente como narrativa quando o narrador são as iniciativas ou usuários da economia compartilhada. Sob a perspectiva das plataformas, é possível perceber, que a tecnologia teve papel fundamental na disseminação da iniciativa Banco de Tempo, uma vez que a sua concepção é bem anterior ao *boom* da economia compartilhada em 2008. Já, nos demais casos, o surgimento das iniciativas foi concomitante com o crescimento da tecnologia da economia compartilhada. A macro-narrativa da sustentabilidade também se apresenta na intersecção da figura 1, acompanhando as demais macro-narrativas identificadas, mas de forma retórica. Apesar de muito citada como uma consequência da economia compartilhada, Geissinger et al. 2019 dizem que as plataformas orientadas para a sustentabilidade ainda estão surgindo, já que esta é uma demanda da sociedade. Hoje, as iniciativas neste sentido, de acordo com os autores, ainda estão em segundo plano sendo mais evidente em setores específicos, como moda por exemplo, em que os consumidores já consideram a sustentabilidade como fator de consumo ou por exigências legais. Portanto, as iniciativas com foco maior em sustentabilidade ainda dependem do movimento da sociedade em exigir isso. Atualmente, essa macro-narrativa ainda é tratada somente como uma expectativa da economia compartilhada tanto para iniciativas com fins lucrativos como para iniciativas sem fins lucrativos.

6.3 O PAPEL DAS NARRATIVAS E AS MUDANÇAS SOCIAIS

As narrativas desempenham um papel significativo para influenciar os processos de mudança, gerando práticas sociais através da sua propagação. A economia compartilhada, de maneira geral, se traduz em uma nova forma de relacionamento econômico, reforçando a possibilidade de ganhos financeiros através do incentivo a oportunidade de emprego, empreendedorismo ou renda extra. As narrativas são recurso de empoderamento, na medida em que elas se engajam em produzir e manter certos significados como os benefícios da economia compartilhada. Destacam-se como benefícios que reforçam o papel de empoderamento, a macro-narrativa “oportunidade de renda” para as iniciativas com fins lucrativos, e “senso de comunidade” para as iniciativas sem fins lucrativos. A partir do entendimento das possibilidades de ganhos com a economia compartilhada, sejam estes ganhos financeiros ou não, a sociedade passa a entender a economia compartilhada como uma necessidade, sendo inclusive usado pelas empresas como estratégia de legitimação. Assim, as narrativas geram empoderamento individual ao incentivar os benefícios direto aos participantes. Consequentemente, geram empoderamento coletivo, quando interfere em uma conjuntura econômica se tornando uma opção para a sociedade, transformando a economia local, no caso das iniciativas com fins lucrativos, e transformando as relações das pessoas gerando um relacionamento de confiança e fraternidade, no caso das iniciativas sem fins lucrativos. No mesmo sentido, as narrativas da economia compartilhada desencadeiam a imaginação de quem faz parte dela. Induzindo a um novo futuro possível através da incerteza, gerando expectativa de mais mudanças, como o futuro do trabalho e novas formas de geração de renda no caso das iniciativas com fins lucrativos, e para as iniciativas sem fins lucrativos, uma busca de uma sociedade mais colaborativa e com um olhar para o coletivo. O papel das narrativas como expressões de contra-cultura não foi identificado. Não podemos tratar a economia compartilhada como um movimento que luta contra narrativas culturais e institucionais estabelecidas. As iniciativas sem fins lucrativos, até apresentam uma narrativa de busca por

uma mudança de mentalidade da sociedade, no sentido de desenvolver caminhos que geram impacto social positivo. Porém, isso ocorre de forma paralela a estrutura econômica vigente, como um modelo alternativo e não como uma “bandeira” de luta contra a narrativa dominante. O mesmo ocorre com as iniciativas com fins lucrativos que se posicionam contra as medidas reguladoras.

A partir da aceitação e crescimento da economia compartilhada, as narrativas evidenciam alguns benefícios sociais provenientes deste novo modelo econômico, como o acesso a produtos e serviços, geração de renda e a forma de relação entre os pares, buscando promover um maior senso de comunidade e coletividade. Entretanto, os papéis das narrativas na economia compartilhada como agente de mudança social, mostra-se extremamente embrionário, destacando somente benefícios sociais. Durante a análise das narrativas, evidencia-se fortemente a direção que elas tomam. Todas as macro-narrativas identificadas refletem o fenômeno da economia compartilhada. Ou seja, o fenômeno existe e as narrativas decorrem dele. Talvez, se a direção fosse oposta, as narrativas provocando o fenômeno, o potencial transformador da economia compartilhada pudesse ser melhor explorado.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve por objetivo analisar as narrativas de mudanças no contexto da economia compartilhada. A economia compartilhada é composta por atores que atuam como protagonistas da mudança. Os chamados *prosumers* juntamente com as plataformas, são os atores principais e são os beneficiários diretos da economia compartilhada. Destacam-se ainda como atores, o governo e a economia tradicional que buscam a compreensão da nova economia. Além, de empreendedores, líderes e entidades que atuam como apoiadores da economia compartilhada. Diante dos resultados, concluímos que a economia compartilhada se apresenta conforme o narrador e para qual audiência está se posicionando. Ou seja, as narrativas diferem quando a audiência são o governo e empresas da indústria tradicional, ou quando a audiência é o público beneficiário direto da ascensão da economia compartilhada. Além disso, identificamos que a economia compartilhada apresenta diferentes narrativas conforme o posicionamento quando aos fins lucrativos da iniciativa. Iniciativas com fins lucrativos, apresentaram macro-narrativas mais voltadas a uma perspectiva econômica e financeira, sendo “oportunidade econômica”, “experiência” e “necessidade de regulamentação específica”. As iniciativas sem fins lucrativos, apresentaram macro-narrativas mais voltadas a uma perspectiva social, sendo “senso de comunidade”, “equidade” e “transformação”. As iniciativas sem fins lucrativos, apresentam uma preocupação maior em transformar a sociedade em prol do social. Já as com fins lucrativos, veem na economia compartilhada apenas mais uma forma de geração de renda. Foram identificadas macro-narrativas que ficaram na intersecção dos dois enquadramentos, sendo “colaboratividade e conveniência” e “sustentabilidade”. As macro-narrativas identificadas evidenciam a forte nuance econômica da economia compartilhada, reforçando a visão de parte dos autores que direcionam a economia compartilhada como mais uma ferramenta capitalista, como Morozov (2013) que denominou a economia compartilhada de “neoliberalismo de esteroides”, diante da atuação desenfreada destas iniciativas e da falta de regulamentação, e Martin, Upham e Budd (2015) que afirmam que na economia compartilhada, mesmo as iniciativas sem fins lucrativos, podem se tornar comercialmente orientadas ao longo do tempo. Foi possível verificar que a economia compartilhada proporcionou alguns benefícios sociais, mas seu potencial transformador ainda é incipiente.

A principal contribuição acadêmica desta pesquisa é a utilização de um *framework* teórico da inovação social para compreender como as iniciativas da economia compartilhada potencializam (ou não) mudanças sociais, identificando oito macro-narrativas de mudança. Como contribuição para a prática, as iniciativas da economia compartilhada poderão conhecer

melhor seus impactos e possibilidades de atuação, assim como as empresas da economia tradicional poderão pensar em estratégias de (re) posicionamento. Esta pesquisa, tem limitações que sugerem direções para estudos futuros. Embora nos esforçamos em utilizar dados que contemplassem de forma abrangente o contexto da economia compartilhada, podemos destacar como limitações deste estudo, o fato da observação participante e entrevistas terem sido realizadas com iniciativas e *prosumers* vinculados a realidade brasileira. Assim, como pesquisas futuras é possível evoluir na discussão da diferença de narrativas em diferentes países. Pode-se evoluir ainda, referente ao efeito de ações regulamentares e abranger iniciativas com foco nas perspectivas de sustentabilidade.

REFERÊNCIAS

- AVELINO, F. et al. **Transitions towards New Economies? A Transformative Social Innovation Perspective** TRANSIT working paper series. [s.l.: s.n.]. Disponível em: <<http://www.transitsocialinnovation.eu/>>.
- AVELINO, F. et al. Transformative social innovation and (dis)empowerment. **Technological Forecasting & Social Change**, 2017.
- BASTOS, L. C.; BIAR, L. DE A. Análise de narrativa e práticas de entendimento da vida social. **D.E.L.T.A. - Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 31, p. 97–126, 2015.
- BELK, R. You are what you can access: Sharing and collaborative consumption online. **Journal of Business Research**, v. 67, p. 1595–1600, 2014.
- BINNINGER, A. S.; OURAHMOUNE, N.; ROBERT, I. Collaborative consumption and sustainability: A discursive analysis of consumer representations and collaborative website narratives. **Journal of Applied Business Research**, v. 31, n. 3, p. 969–986, 2015.
- BOTSMAN, R.; ROGERS, R. **What's Mine Is Yours: The Rise of Collaborative Consumption**. [s.l.] Bookman, 2011.
- CUSUMANO, M. A. How traditional firms must compete in the sharing economy. **Communications of the ACM**, v. 58, n. 1, p. 32–34, 2014.
- CZARNIAWSKA, B. **The Uses of Narrative in Organization Research**. Gothenburg, Sweden: [s.n.].
- CZARNIAWSKA, B. **Narratives in Social Science Research**. London: [s.n.]. v. 2
- DAUNORIENĖ, A. et al. Evaluating Sustainability of Sharing Economy Business Models. **Procedia - Social and Behavioral Sciences**, v. 213, p. 836–841, 2015.
- DAVIS, J. E. Narrative and social Movements. In: **Stories of Change**. Albany: State University of New York Press, 2002. p. 3–22.
- FRENKEN, K. Sustainability perspectives on the sharing economy. **Environmental Innovation and Societal Transitions**, v. 23, n. May, p. 1–2, 2017.
- FRENKEN, K.; SCHOR, J. Putting the sharing economy into perspective. **Environmental Innovation and Societal Transitions**, v. 23, p. 3–10, 2017.
- GEISSINGER, A. et al. How sustainable is the sharing economy ? On the sustainability connotations of sharing economy platforms. **Journal of Cleaner Production**, v. 206, p. 419–429, 2019.
- HABIBI, M. R.; DAVIDSON, A.; LAROCHE, M. What managers should know about the sharing economy. **Business Horizons**, v. 60, p. 113–121, 2017.
- HERMWILLE, L. The role of narratives in socio-technical transitions - Fukushima and the energy regimes of Japan, Germany, and the United Kingdom. **Energy Research and Social Science**, v. 11, p. 237–246, 2016.
- HOWALDT, J.; SCHWARZ, M. **Social Innovation and its relationship to social change - Verifying existing Social Theories in reference to Social Innovation and its Relationship**

to Social Change. [s.l: s.n.].

KATHAN, W.; MATZLER, K.; VEIDER, V. The sharing economy: Your business model's friend or foe? **Business Horizons**, v. 59, p. 663–672, 2016.

KORNBERGER, M. et al. Rethinking the Sharing Economy: The Nature and Organization of Sharing in the 2015 Refugee Crisis. **Academy of Management Discoveries**, v. 4, n. 3, 2018.

MARTIN, C. J.; UPHAM, P.; BUDD, L. Commercial orientation in grassroots social innovation: Insights from the sharing economy. **Ecological Economics**, v. 118, p. 240–251, 2015.

MCLAREN, D.; AGYEMAN, J. **Commentary on Debating the Sharing Economy.**

Disponível em: <<http://www.greattransition.org/commentary/julian-agyeman-and-duncan-mclaren-debating-the-sharing-economy-juliet-schor>>. Acesso em: 2 dez. 2017.

MILANOVA, V.; MAAS, P. Sharing intangibles: Uncovering individual motives for engagement in a sharing service setting. **Journal of Business Research**, v. 75, p. 159–171, 2017.

MONT, O.; NEUVONEN, A.; LÄHTEENOJA, S. Sustainable lifestyles 2050: Stakeholder visions, emerging practices and future research. **Journal of Cleaner Production**, v. 63, p. 24–32, 2014.

MOROZOV, E. The “sharing economy” undermines workers’ rights.(COMMENT). **The Financial Times**, 2013.

MUÑOZ, P.; COHEN, B. Mapping out the sharing economy: A configurational approach to sharing business modeling. **Technological Forecasting & Social Change**, v. 125, p. 21–37, 2017.

MURILLO, D.; BUCKLAND, H.; VAL, E. When the sharing economy becomes neoliberalism on steroids: Unravelling the controversies. **Technological Forecasting and Social Change**, v. 125, n. May, p. 66–76, 2017.

PALGAN, Y. V.; ZVOLSKA, L.; MONT, O. Sustainability framings of accommodation sharing. **Environmental Innovation and Societal Transitions**, v. 23, p. 70–83, 2017.

PALOS-SANCHEZ, P. R.; CORREIA, M. B. The Collaborative Economy Based Analysis of Demand : Study of Airbnb Case in Spain and Portugal. **Journal of Theoretical and Applied Electronic Commerce Research**, v. 13, n. 3, p. 85–98, 2018.

PETRINI, M.; FREITAS, C. S. DE; SILVEIRA, L. M. DA. A Proposal for a Typology of Sharing Economy. **Revista de Administração Mackenzie**, v. 18, n. 5, p. 39–62, 2017.

POLLETTA, F. Contending Stories: Narrative in Social Movements. **Qualitative Sociology**, v. 21, n. 4, 1998.

REISCHAUER, G.; MAIR, J. How Organizations Strategically Govern Online Communities: Lessons from the Sharing Economy. **Academy of Management Discoveries**, v. 4, n. 3, 2018.

SCHOR, J. Debating the Sharing Economy. **A Great Transition Initiative Essay**, 2014.

SCHWANDT, T. Three epistemological stances for qualitative inquiry: Interpretivism, hermeneutics, and social constructionism. In: **Handbook of Qualitative Research**. 2nd. ed. London: SAGE, 2000. p. 189–213.

TRAHAR, S. Beyond the story itself: Narrative inquiry and Autoethnography in Intercultural Research in Higher Education. **Forum : Qualitative Social Research**, v. 10, n. 1, p. Art. 30, 2009.

UZUNCA, B.; RIGTERING, J. P. C.; OZCAN, P. Sharing and Shaping: A cross-country comparison of how sharing economy firms shape their institutional environment to gain legitimacy. **Academy of Management Discoveries**, n. January, p. amd.2016.0153, 2018.

WITTMAYER, J. et al. **Narratives of change : How Social Innovation Initiatives engage with their transformative ambitions**TRANSIT Working Paper. [s.l: s.n.]. Disponível em: <http://www.transitsocialinnovation.eu/content/original/Book covers/Local PDFs/181 TRANSIT_WorkingPaper4_Narratives of Change_Wittmayer et al_October2 015_2.pdf>.